

### ESPECIALIZAÇÃO

#### Faculdade dos Meios de Comunicação Social

- Teoria do Jornalismo

★ Criado pelo Conselho Universitário em 24/01/78

Informações: FAMECOS – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3269

#### Faculdade de Direito

- Direito Processual Civil

★ Aprovado pelo COCEP em 02/10/86

Informações: FD – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3134

#### Faculdade de Medicina

- 28 Cursos em diversas especialidades médicas

★ Aprovado pelo COCEP em 10/09/87

Informações: FMED – Fone: (0512) 39-1322 – Ramal 2662

#### Instituto de Geriatria

- Geriatria

★ Aprovado pelo COCEP em 15/05/80

Informações: IG – Fones: (0512) 36-8153 ou 36-8613

#### Escola Politécnica

- Engenharia de Estruturas

- Engenharia de Edificações

★ Aprovado pelo COCEP em 12/04/85

- Projeto de Produtos Industriais ou Desenho Industrial

★ Aprovado pelo COCEP em 11/07/85

- Engenharia de Segurança do Trabalho

★ Criado pelo Conselho Universitário em 27/02/73

- Processamento Digital dos Sinais

★ Aprovado pelo COCEP – Parecer nº 06/90 de 11/01/90

- Controle de Processos Industriais

★ Aprovado pelo COCEP – Parecer nº 07/90 de 11/01/90

Informações: EPO – Fone: (0512) 39-1511 – Ramais 3284, 3294 e 3125

#### Instituto de Informática

- Análise de Sistemas

★ Aprovado pelo COCEP em 17/07/78

- Informática Empresarial

★ Aprovado pelo COCEP em 16/06/88

Informações: INF – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3158

## SIMÕES LOPES JORNALISTA: QUATRO TEXTOS DESCOBERTOS

Maria Luiza de Carvalho Armando

UFRGS

### APRESENTAÇÃO

Simões Lopes Neto (1865-1916) — considerado, em geral, o maior regionalista sul-riograndense — dispensa toda e qualquer apresentação: seu renome literário vem-se difundindo através da obra ficcional que deixou e que vem sendo progressivamente revalorizada.

Outros aspectos de sua personalidade como intelectual e escritor são menos divulgados, no entanto; e é o caso de sua obra jornalística.

Considerada de um ponto de vista que (na falta de melhor denominação) se pode chamar “estritamente estético-literário”, essa obra é, não negligenciável, porém, menos valiosa, em sua globalidade, do que a obra ficcional do Autor. Sem embargo, de um ponto de vista que se pode denominar lítero-histórico-cultural, apresenta-se interessante e valiosa sempre, apesar de ser algo desigual e de parecer, por vezes, superficial e “descomprometida”.

Essas duas últimas características quase desaparecem, se se examina atentamente a produção jornalística de João Simões, mesmo se se consideram os dois mencionados pontos de vista. Quanto ao primeiro, note-se que, desde o início (e escritos jornalísticos são as primícias de toda a produção simoniana), ela acusa traços literários básicos no Autor (que se revelarão progressivamente). Quanto ao segundo, ela encerra — mesmo quando circunstancial — um aspecto crítico (inicialmente, restrito e embrionário), comportando uma dimensão de crítica sócio-cultural e também, a nosso ver, característico de Simões.

E é nisso que as mais restritas e "descomprometidas" de suas crônicas transcendem a circunstância e amenizam o seu próprio caráter "leve" e transitório; transcendendo-se, portanto, a si mesmas, na medida em que apontam para traços gerais da obra global em que se inserem (inclusive, em termos de visão-de-mundo), assim como para uma dada realidade extratextual (seu contexto histórico-cultural).

Simões exerceu o jornalismo, primeiramente, como amador, após, como profissional. Então foi também redator de jornal, sendo de supor, assim, que muitos de seus escritos jornalísticos sejam não-assinados.

Sua estréia na imprensa deu-se n'A *Pátria*, de sua cidade natal, jornal de que era proprietário, na época, um tio seu —, com a série "Balas de estalo"(1), às vésperas da instituição do regime republicano e no ano da Abolição da escravatura no Brasil. De 1888 é também a série de crônicas-reportagens "O Rio Grande (à vol d'oiseau)", publicada no mesmo jornal pelotense(2).

Propõe Ângelo Pires Moreira — a quem se deve a transcrição em livro de parte dos escritos de Simões(3) — que se distingam duas fases na série "Balas de estalo" (cf. op. cit. n. 2, p. 8). Baseia-se, ao propô-lo, nas crônicas (1888-1890) que transcreveu. No entanto, a aceitar-se essa proposta, dever-se-á acrescentar às apontadas por Moreira uma fase mais. Com efeito, ele se refere às "balas" publicadas n'A *Pátria* de julho de 1888 a agosto de 1890. Porém a série, interrompida no último ano citado, foi retomada mais tarde (1895); então no *Diário Popular* (também de Pelotas). Dessa forma, a admitir-se que as publicações anteriores constituem duas diferentes fases, há-se de admitir que as de 1895 constituem uma terceira.

A data de início dessa série — que coincide com a da estréia de Simões nas letras — foi tomada por Moreira a Carlos Reverbél (o melhor e praticamente o único biógrafo de Simões, que, desde a década de 40, vem-se dedicando a pesquisas a respeito do Autor)(4). Recentemente, porém, buscas nossas na Biblioteca Pública Pelotense revelaram que a série em causa iniciou-se, não em julho, como se acreditava, e, sim, em junho de 1888. Logo, essa é a época da estréia de Simões no jornalismo e nas letras. (Cf. textos anexos.)

No que se pode considerar a primeira etapa das "balas" (junho a outubro de 1888), elas são publicadas sob vários pseudônimos (todos

identificados como de Simões); geralmente, compostos de "João" ou "Job" e de um sobrenome em que a palavra "ri" é componente constante(5). É curioso observar que, aproximando-se o prenome Job (o mais freqüente nesses pseudônimos e nome de um personagem da Bíblia que, como se sabe, celebrizou-se por suas lamentações) de um sobrenome em que "ri" é elemento nuclear, obtém-se um efeito de contraste cômico.

Ora, isso harmoniza-se com o espírito das "balas" dessa época (e não só delas), em que o aspecto crítico do "malhar" nisso ou naquilo (ou do simples comentário crítico) vai geralmente acompanhado do humorístico (é de forma humorística que, em geral, o "baleiro" comenta ou critica isso ou aquilo). (E lembre-se que, muitas vezes, o humorístico não exclui o "sério".)

Numa segunda etapa (abril de 89 a agosto de 90), as "balas" são publicadas, já, sob um dos pseudônimos mais conhecidos de Simões: Serafim Bemol (que será usado, também, na última etapa da série, a de 1895).

As duas primeiras etapas constituem-se de crônicas em versos, vasadas na forma fixa chamada "triolé". Como se sabe, trata-se de pequeno poema correspondente ao antigo "rondel" francês, com oito versos, repetindo-se o primeiro no quarto e no sétimo e o segundo, no oitavo. O esquema rimático dessa forma fixa (que pode constituir um poema de uma ou de mais estâncias) corresponde à representação A B A A B A B(6).

As "balas" de Simões nessas etapas compõem-se em geral de três estâncias (três triolés). Mas, embora se mantenha o essencial da forma fixa, algumas liberdades são tomadas, relativamente a ela, a começar pelo esquema rimático.

Quanto ao número de sílabas, os versos dessas crônicas são quase sempre redondilhas maiores. São-no sempre intencionalmente, como se percebe; porém, também nisso, a regularidade é algumas vezes rompida, notando-se nos triolés simonianos versos que a rigor têm oito sílabas.

Tal quebra de pé deve-se, em geral, à pontuação, que, se tomada rigorosamente em conta, impede elisões graças às quais os versos se enquadrariam no número de sílabas da redondilha maior. Vale a pena atentar para esse detalhe, pois já nessas crônicas inaugurais se notam a abundância e a particularidade com que se usam os sinais gráficos de pontuação, característica essa — e relevante — do Autor.

Mas a irregularidade mencionada observa-se também no que respeita à localização dos acentos tônicos — principais e secundários — dos versos. Sendo eles com freqüência deslocados (salvo, é claro, se se consideram uns em relação aos outros os versos repetidos), a tonicidade é não raro irregular(7).

A irregularidade tônica redundaria num ritmo irregular, se se considerasse o ritmo sob o ângulo do estritamente métrico; mas não se pode dizer que, de um ponto de vista mais amplo, seja esse o caso das "balas"; antes pelo contrário.

O que, sim, parece provável — e tal implica a questão rítmica — é que, ao compô-las, o versejador contou com a realização oral do escrito, realização essa que revelaria (por efeito da enunciação corrente) as irregularidades apontadas. Sob esse aspecto, os triolés simonianos poder-se-iam inserir na categoria das composições em que a realização oral é, não posterior, mas anterior à escrita. Isto é: aquelas composições que dão ao leitor a impressão de que, ao engendrâ-las, o sujeito textual tinha muito presente a realização do discurso enquanto oralidade (representação mental; não, forçosamente, realização concreta do texto como oral). Não seria exagerar dizer-se que é quase como se se tratasse da transcrição de um discurso originalmente oral.

Ora, a estreita relação com o oral, manifesta nessas crônicas inaugurais em versos, é outra das características gerais de Simões. Talvez se possa dizer que também a pontuação (que nelas tem, ao que parece, uma função predominantemente expressiva) depende dessa relação com a oralidade. Sabe-se que, no discurso escrito, a pontuação — quando sua função é expressiva — é forma de suprir as deficiências do escrito em relação ao oral (que dispõe de muito mais meios expressivos).

Assim, se não se pode afirmar que o versejador em questão desconhece preocupações métricas ou atropela exigências métricas por desmazelo, pode-se, porém, aventar a hipótese de que ele não dá prioridade total ao rigor métrico.

Também se pode propor que — embora algumas vezes o dito pareça ter a função de apenas corresponder a exigências da forma fixa — a necessidade semântica (entendendo-se por tal o que se quer dizer) predomine sobre os aspectos formais no sentido estrito.

Seja como for, os triolés de Simões, pelo que diz Reverbel (op. cit. n. 4, p. 44), celebrizaram-se, na época, sendo seu autor equiparado, por sua habilidade em compô-los, ao nacionalmente apreciado Fontoura Xavier.

Aludindo, em geral, a fatos e aspectos locais ou da época, o estudo das "balas" exige a consulta a fontes que propiciem acesso a dados extratextuais, sem os quais não se passará de uma primeira etapa de análise.

Ao afirmar-se isso, contudo, deve-se matizar a afirmação. De fato, as "balas" de 1895 — em que a forma do triolé é quase inteiramente abandonada em benefício da prosa — são por vezes menos circunstanciais e mais autônomas, em relação ao extratextual imediato (porém, como qualquer texto, não são nunca autônomas em relação ao extratextual; muda a forma de referir-se a ele, ou de referi-lo, essa pode ser a da referência imediata, ou a da referência mediatizada, cabendo ainda, nessa última, vários graus — e várias formas — de mediatização).

Essa é uma das razões pelas quais se poderá preferir as "balas" de 1895. Outros de seus aspectos interessam o estudioso de Simões. Um deles, o evidente amadurecimento do cronista, que vai dando prioridade a suas possibilidades melhores, já evidenciadas em crônicas de estréia, contemporâneas das primeiras "balas", quais sejam as da citada série "O Rio Grande (*à vol d'oiseau*)". Talvez a opção pela prosa esteja relacionada a isso. Relaciona-se a isso sem dúvida o definir-se e ampliar-se aquele caráter crítico (quase sempre acompanhado do humorístico) a que se aludiu aqui.

Outro aspecto das crônicas de 1895 interessam, igualmente, sobremaneira: quando narrativas, elas estabelecem, já, laços evidentes entre o escrito jornalístico e a obra de ficção do autor(8).

Sem embargo, a finalidade aqui é focar especialmente a primeira etapa das "balas". E, para encerrar esta insuficiente apresentação, mencionam-se aspectos léxico-sintáticos desses textos.

Não obstante se empreguem muitos termos da época, hoje em desuso (alguns, por serem circunscritos a níveis ou modalidades de língua corrente não registrada — familiar, gíria ou jargão... — obrigam a uma pesquisa algo desesperançada), e não obstante se usem abundantemente vocábulos estrangeiros(9), o léxico é simples, em última instância. Isso, em se tratando de sua época, chama a atenção.

Chama a atenção, também, o aspecto sintático desses textos, em que as inversões de ordem dos termos na oração são raras e, quando existem, são geralmente inversões comuns na língua corrente (inclusive, na oral). Note-se que, nos textos em prosa contemporâneos dessas "balas", as construções frasais são simples e os períodos, com freqüência, curtos.

Essas características fazem com que esses textos, de certa forma, se aproximem mais da atualidade do que do século em que foram escritos.

Cabe aqui formular uma hipótese. Sua formulação pressupõe considerações preliminares. Lembre-se: a respeito do Autor, difundiu-se a idéia de que fosse um "rapsodo bárbaro"(10), tudo devendo à intuição e nada aos conhecimentos — inclusive, literários — ou ao autocultivo. Sem dúvida, há aí uma confusão entre personalidade empírica, histórica, e personalidade literário-ficcional; originada, provavelmente, na perfeição e na precocidade (relativa à época literária) com que Simões assumiu suas personagens campeiras. E meio ótimo para dissolver essa — ao que tudo indica — falsa concepção, é a obra jornalística do Autor.

Ponto de extremo interesse a desenvolver, a partir dessa deixa, seria a do sujeito textual do escrito jornalístico, relativamente ao do ficcional ou do poético. Sendo impossível abordá-lo aqui, vale assinalar, apenas, sua relação com o presente assunto. Restrinja-se o comentário à questão do "rapsodo bárbaro": temas e perspectivas trazidos por Simões a muitos de seus escritos jornalísticos contrariam cabalmente a suposição que essa expressão encerra, tanto quanto a contrária — apesar do traço geral de simplicidade léxica aqui apontado — o simples emprego de termos exóticos nesses escritos. Que "rapsodo bárbaro" incluiria, por exemplo, um verso inteiro escrito em francês num triolé — verso que contém, ademais, um vertiginoso jogo de palavras — (cf. crônica anexa de 26 de junho de 1888)? ou, antes ainda, que "rapsodo bárbaro" lembrar-se-ia de compor trióles?

Se é certo que nas "balas" de que se fala agora não haveria, propriamente, exemplos relevantes de temas e perspectivas a contrariarem a concepção do Autor como um "rapsodo bárbaro", é também certo que em suas contemporâneas, as crônicas da série "O Rio Grande (à vol d'oiseau)", há-os, e cabais. Cite-se apenas a de 28

de novembro de 1888, em que o Autor, a propósito de uma exposição municipal no Rio Grande, discorre sobre a questão da arte. O simples fato de que aborde o tema e, mais ainda, a pertinência de seus pontos de vista (quase se pode dizer "teóricos") a tal respeito fazem com que esse escrito seja peça básica na contestação da concepção referida.

Seria difícil acreditar, portanto, que Simões fosse isento, como se disse, de influências literárias, por lhe faltarem leituras. Mais correto seria encará-lo como um representante da média culta em sua categoria social e em sua época. E muitos outros dados que não os textuais corroboram essa suposição.

De onde viriam, então, as características, de simplicidade e outras, já apontadas aqui e que o aproximam — se o disse — do contemporâneo e atual? É o momento de formular a hipótese anunciada e segundo a qual essas, e outras, características adviriam ao discurso simoniano por suas afinidades com o oral e coloquial.

Com certeza, é essa também a origem de seu fascínio pelo texto teatral, muito embora se deva considerar o prestígio de que gozava o teatro na época.

Como se disse, essa característica, tão simoniana, já marca as crônicas de estréia do jornalista amador: ler Simões é sempre ter a impressão, não de ler, mas de ouvir; e ouvir quem se dirige — de forma direta e pessoal — a um interlocutor presente, que o supõe fortemente, que transforma nele, forçosamente, o leitor.

Mencionem-se, por fim, como característica que permanecerá e que já se anuncia nessas crônicas, tanto quanto as demais mencionadas aqui, o gosto pelos jogos de palavra e pensamento, manifestação de outro traço típico do Autor: a tendência lúdica, e companheiro do humor que quase nunca falece aos comentários e ao espírito crítico desse cronista nada bárbaro.

Intuição, sem dúvida, a tinha; e fina. Intuição, por exemplo, do próprio ao jornalístico, num tempo em que o melhor jornalista profissional não era senão um jornalista amador(11). Intuição, ainda — por sua sensibilidade crítica — de problemas fundamentais de nossa constituição cultural, entrevistados através dos contrastes que tanto impressionavam — e vários textos jornalísticos o provam — a sua agudeza inteligente(12).

Os textos aqui apresentados são — até novas descobertas eventuais — os primeiros publicados por Simões e os primeiros das "Balas de estalo" em suas três etapas. Até agora desconhecidos (e, por isso, nunca transcritos), passarão a integrar a lista de crônicas dessa série, lista por ora ainda provisória.

O levantamento da obra jornalística do Autor só se poderá considerar completo, quando forem constituídas listas definitivas, não-soamente das suas séries de crônicas, como, também, de seus escritos isolados e, ainda, de não-assinados que, através de critérios pertinentes, tiverem sua autoria devidamente determinada; quando, ainda, esse rol for acompanhado por textos convenientemente estabelecidos, que se possam oferecer como fidedignos ao estudioso ou ao simples leitor(13).

## NOTAS

- 1 — A expressão "balas de estalo" está dicionarizada. O título dessa série é também o de uma série de crônicas de Machado de Assis, transcrita in *Idem, Obra completa*, R. de Janeiro, Edit. José Aguilar Ltda., 2a ed., 1962, vol. 3, p. 412-482. Sendo a de Machado anterior (1885) à de Simões, supõe-se que esse se tenha inspirado no título, original, dado por aquele a sua série.
- 2 — Bemol, Serafim (J. Simões Lopes Neto), "O Rio Grande (à vol d'oiseau)", *A Pátria*, Pelotas, 16 novembro a 7 dezembro 1888 (I a VI).
- 3 — Moreira, Ângelo Pires, *A outra face de J. Simões Lopes Neto*, 1: vol., P. Alegre, Martins Livreiro Editor, 1983. Pires Moreira transcreveu, inicialmente, escritos de Simões no jornal *Diário da Manhã* (Pelotas), começando a publicá-los, após, em livro. Ao que se sabe, dificuldades financeiras do editor comprometeram a continuidade da publicação, limitando-a ao volume citado. Afora os escritos não-assinados — não cogitados por Moreira —, pretendeu esse (e, com certeza, o conseguiu quase completamente), cobrir, na republicação, toda a produção jornalística identificada como de Simões. No entanto, as falhas formais do livro citado e os numerosíssimos erros que (a julgar pelo cotejo dos textos republicados com os originais jornalísticos já feito por nós) se constatarem nas transcrições prejudicam a meritória obra de Pires Moreira e demandam uma edição crítica dos textos em causa.
- 4 — Reverbel, Carlos, *Um capitão da Guarda Nacional — Vida e obra de J. Simões Lopes Neto*, Caxias do Sul/Universidade de C. do Sul, P. Alegre: Martins Livreiro Editor, 1981.
- 5 — As duas primeiras fases são identificadas (e transcritas) por A. P. Moreira (op. cit.), que justifica a distinção com base no pseudônimo usado por Simões: na primeira etapa da publicação, vários pseudônimos (caracterizados da forma aqui referida); na segunda, Serafim Bemol. No entanto — como admite Moreira —, em uma e outra mantêm as crônicas as mesmas características; e, também, são publicadas no mesmo jornal, embora com uma interrupção (que definiria,

igualmente, a existência de duas fases). Observa-se aqui a divisão estabelecida por Moreira, embora fosse possível reconhecer nessas duas fases apenas uma etapa da série. A aqui chamada "terceira etapa", sim, distingue-se das etapas anteriores muito claramente. Essas crônicas das "Balas..." de 1895 no *Diário Popular* foram reunidas, sob forma de *fac simile*, com estabelecimento de lista provisória, notas e, parcialmente, traduções, no tomo IV de: *Armando, Maria Luiza de Carvalho, Le régionalisme littéraire et le "mythe du gaúcho" dans l'extrême-Sud brésilien (Le cas de Simões Lopes Neto)*. Paris: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales/Université de Paris-III, Sorbonne Nouvelle, 1984. 4 tomos (Tese de Doutorado — policopiada). Sua coleta deve-se a pesquisa nossa na Biblioteca Pública Pelotense, em 1975, pesquisa que tomou como ponto de partida indicações de Reverbel.

6 — Cf. Campos, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. São Paulo: Cultrix, MCMLXXXVIII, 3a. ed. rev. e aum.

7 — Verifica-se, entre outros detalhes, que, com freqüência, os acentos tônicos do verso não coincidem com os dos vocábulos que o compõem; ou — ainda com exemplo — que um acentoônico principal no verso vem a cair sobre um vocábulo de substância semântica secundária no sintagma. Em outros termos: o sistema acentual-silábico de Simões comporta, não só heterogeneidade, considerando-se a globalidade da estância, como, também, rupturas, no interior dos versos, entre a ênfase acentual e a ênfase semântica. Isso é comum no versejar; no entanto, um versejador rigoroso talvez busque fazer coincidir o métrico e o semântico, sem prejuízo da motivação fundamental que preside ao ritmo (a qual, modernamente pelo menos, não seria de ordem métrica).

8 — É o caso, por exemplo, da crônica "(Autêntico) — Um caçador das bandas do..." , *Diário Popular*, Pelotas, 20 de março de 1895, a aproximar especialmente de Lopes Neto, J. Simões, *Casos do Romualdo*. Rio de Janeiro — P. Alegre — S. Paulo: Globo, 1: ed., 2: tir., 1958 (pref. de A. Meyer) e *Idem Idem*, P. Alegre: Globo; Rio de Janeiro: INL MEC, 1: ed., 3: tir., 1973 ("Coleção Província"). Ed. crítica: *Idem, Idem in Lopes Neto, J. Simões, Contos gauchescos — Lendas do Sul — Casos do Romualdo*, estab. do texto, introd., var., n. e com. p/Ligia Chiappini —Ed. crit., R. de Janeiro: Presença; Brasília; INL, 1988, p. 197 et seq.

9 — Cf., por exemplo, a crônica anexa de 26/6/1888, entre numerosas outras. Simões (ou o jornal?) distinguia cuidadosamente as palavras estrangeiras das vernáculas — assim como os vocábulos e expressões da língua padrão e corrente dos característicos de gíria ou jargão — por impressão em itálico (em geral); detalhe importante que as transcrições desconhecem, com freqüência. O mesmo procedimento se observa, nos originais jornalísticos, em relação às palavras e expressões que o Autor inventa ou deforma, ou nas que imitam pronúncia estrangeira ou popular do vernáculo.

10 — Essa expressão foi cunhada por Manoelito de Ornellas e tem conotação elogiosa (cf. Ornellas, M. de —, "O rapsodo bárbaro", in:  *Símbolos bárbaros*. P. Alegre: Globo, 1943, ilustr. de Edgar Kostz, p. 13-44. Talvez não pretendesse o Autor reduzi-la ao significado que incorporou e que obscureceu o referente à identificação com os valores campeiros do R. G. Sul.

11 — Reverbel, no op. cit., chama a atenção para outro talento de Simões: a sua intuição do publicitário. Note-se que a publicidade não tinha então o predomínio que hoje tem. Cf. Reverbel, C., op. cit., ed. cit., p. 130.

12 - É hipótese nossa que a aguda percepção de Simões e sua sensibilidade aos contrastes levaram-no a intuir, embora de forma pouco clara, o que, com Roberto Schwarz e outros, pode-se denominar "defasagem cultural", traço entre todos fundamental na constituição cultural da América Latina (e não só dela, mas dos países colonizados em geral). Cf. Schwarz, R., *Ao vencedor as batatas* - forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro - I - S. Paulo: Duas Cidades, 2ª ed., 1981; especialmente: cap. I ("As idéias fora do lugar"). No que respeita a Simões, cf., por exemplo, a crônica "Nesta nossa boa terra..." *Diário Popular*, Pelotas, 8 março 1895 ("Balas de estalo").

13 - Há alguns anos, com projeto registrado no CNPq e apoiado durante meses por esse organismo, ocupamo-nos de uma edição crítica, comentada e precedida de estudo analítico, da obra jornalística do Autor.

J. Simões Lopes Neto  
série de crônicas "Balas de Estalo"

*A Pátria*, Pelotas (terça-feira), 12 de junho de 1888, p. 2, coluna terceira(1).

Anda a policia em apuros,  
Aos tiros varios senhores,  
Guardando quintaes e muros;  
Com medo aos *alimpadores*,  
Anda a policia em apuros,  
Aos tiros varios senhores.

## II

Já se visitam cortiços:  
Tem Zangões e tem *zangôas*  
(Que aquellas abelhas boas,  
Não vivem em taes *muquiços*);  
Já se visitam cortiços:  
Tem zangões e tem *zangôas*.

## III

E a policia gloriosa,  
Devia já ter commendas:  
Que é tarefa trabalhosa  
Andar em noites horrendas...

Portanto:

P'ra policia gloriosa  
Duas dúzias de  
commendas!

Pelotas  
João Ripouco

1 - Os textos apresentam-se aqui em sua forma original, conservando-se a grafia, a disposição das estrofes e os eventuais erros tipográficos.

*A Pátria*, 21 de junho de 1888, p. 2, coluna terceira.

## I

Um assombro e um portento  
O inspector da Uruguayana!!!  
É, no mover da catana(2).  
Um assombro e um portento!  
Que lynce! Que lida insana,  
Prender um chapéo!... Talento.  
Um assombro e um portento  
O inspector da Uruguayana!!!

## II

O inspector da Uruguayana,  
Sim, senhor, fez grande feito.  
Que energia! Que respeito!  
O inspector da Uruguayana  
Fez um *chirsto* - contrafeito(3)  
Dar ao fisco um guarda-chuva!  
O inspector da Uruguayana,  
Sim, senhor, fez grande feito.

## III

Á gloria guindo o Munhoz;  
A patria 'stá mais que salva:  
Sem fazer questão da calva,  
Á gloria guindo o Munhoz!  
Na gargalhada mais alva,  
- Apertando sempre os nós -  
Á gloria guindo o Munhoz,  
A patria 'stá mais que salva!...

Pelotas

João Rialto

2 - O ponto final no fim deste verso é provavelmente um erro tipográfico.  
3 - "Chirsto": provavelmente, erro tipográfico (Christo, tomado como nome comum e grafado, naturalmente, à maneira da época).

I

As graças imperiaes  
Prefiro garças reaes:  
Aquellas para a gente apatacada;  
Estas — para a gente apatacada:  
As graças imperiaes  
Prefiro garças reaes.

II

Dos padeiros lá do paço,  
Nos fornos não há espaço;  
São tantas as broas e bolaxas,  
Que quasi todas tem mil rachas...  
Pois se os padeiros do espaço,  
Nos fornos não tem paço(4)

III

Teve o Egypto gafanhotos:  
Viva nós! temos crachats!  
— No Perú ruge a lava dos vulcões;  
Entre nós — germinam os barões...(5)  
Teve Egypto gafanhotos,  
Viva nós! temos crachats!

Pelotas

João Rialto

4 — Omitida a pontuação no fim deste verso.

5 — Pouco legível, a acentuação gráfica de "nós" parece (provavelmente por erro tipográfico) ser um til.

I

Dum lado contas medonhas...  
Doutro, chumbo em quantidade.  
E ninguém fez por maldade,  
Dum lado contas medonhas!...  
Mas vêde — que crueldade —  
Vorazes — como cegonhas,  
Dum lado contas medonhas,  
Doutro, chumbo em quantidade...

II

Da pellica á pissaba,  
'Sta passando a tal questão:  
É regular... trambolhão  
Da pellica á piassaba...  
É forte matraqueação  
A questão Tupaveraba:  
Da pellica à piassaba  
'Sta passando a tal questão...

III

Sieur Vert vers un verr'vert,  
Puxa... puxa... sem temor...  
Trax sciencia de valor  
Sieur Vert vers un verr'vert...  
Chibante conquistador,  
A metter sua colher,  
Sieur Vert vers un verr'vert,  
Puxa... puxa... sem temor!

Pelotas

João Riforte